



## Editorial

A Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual apresenta seu primeiro número de 2022, ano em que completa dez anos de existência.

Neste número, temos a segunda parte do **dossiê** *Festivais e Mostras Audiovisuais: olhares e perspectivas*, organizado por Izabel Cruz Melo, Juliana Muylaert e Tetê Mattos. A divisão do dossiê em dois volumes da Revista Rebeca mostra a importância do tema para o campo. Este segundo volume, com oito artigos, traz questões de diversidade (com festivais de temática feminista, negra, LGBTQIAP+ e infantil); efeitos das adaptações aos impactos pandemia de Covid 19; curadoria e trocas entre organizadores de festivais. Compõem ainda o dossiê uma **entrevista** com a professora e curadora Amaranta César e uma **resenha** do livro *Documentary Film Festivals: Changes, Challenges, Professional Perspectives*, de 2020.

Para além do dossiê, publicamos uma segunda **entrevista** com a diretora Helena Solberg, realizada por Urbano Lemos Júnior e Vicente Gosciolo, em que a cineasta reflete sobre o seu pioneirismo enquanto diretora de cinema e as mudanças ocorridas nos dias de hoje. Antes da entrevista inédita, e que marca os 50 anos do lançamento do filme *A Entrevista* em 1971, os autores fazem uma apreciação crítica da carreira de Solberg, com imagens de jornais e do acervo da própria cineasta.

Na seção de artigos de **Temáticas Livres**, temos quatro artigos. No artigo *Cinema e o sonho implicado: uma leitura deleuziana*, Susana Viegas revisita o pensamento deleuziano sobre o cinema, com um interesse pronunciado pela tipologia associada ao regime da imagem-tempo – imagens-recordação, imagens-sonho e imagens-mundo – e pelo sentido de incerteza, indeterminação e ambiguidade que se pode reconhecer como constitutivo das imagens mentais. Na medida em que há um enfraquecimento do esquema sensório-motor desde a crise da imagem-movimento, as imagens-tempo perturbam o sentido geral de determinação que ordena a montagem cinematográfica, conforme diferentes modalidades de relação e distintos níveis de indiscernibilidade entre realidade e imaginário, nas imagens-recordação, imagens-sonho e imagens-mundo que a autora reconhece tanto em exemplos já mencionados por Deleuze quanto em alguns filmes mais recentes.

Em *Articulações cênicas da espacialidade audiovisual: paradigmas criativos e tecnologias do cenário*, Cesar de Siqueira Castanha aborda as formas de constituição tecnológica do espaço cênico no audiovisual, deslocando uma certa ênfase recorrente no estudo do espaço cinematográfico como uma questão de indexação, para pensar, de forma expandida, em espaços audiovisuais compostos por uma multiplicidade de



fatores. Considerando exemplos de matrizes estéticas heterogêneas, como de Pasolini a Leona Vingativa, começando pela Disney, o artigo enfatiza que a encenação e o enquadramento do espaço operam “a partir da conjunção de agentes diversos (estéticos, tecnológicos, econômicos, históricos e geográficos)”, indo além da “indexação de objetos do mundo”, e sem necessariamente seu ordenamento “pela autoridade criativa de um autor”.

No artigo *O conceito de convenção cinematográfica de David Bordwell: a limitação do arbitrário*, Alex Damasceno discute o conceito de convenção cinematográfica como “universal contingente”, tal como elaborado por David Bordwell. Reconstituindo a revisão neoformalista do conceito de convenção, sobretudo as críticas de Bordwell a certos usos da noção de arbitrariedade do signo, tal como foi retomada, a partir de Ferdinand de Saussure, no campo dos estudos do cinema, Damasceno detalha os diferentes tipos de convenção que, para Bordwell, podem ser situados em um *continuum* de “gatilhos sensoriais e formas transculturais” até “sistemas recônditos”, mais especializados em sua produção de efeitos “culturalmente localizados e que requerem aprendizado”. Ressaltando que os diferentes tipos de convenção assim compreendidos não são excludentes entre si, o artigo ressalta o modo como a compreensão da convenção como “universal contingente” permite afastar a abordagem do tema tanto da perspectiva naturalista quanto de um construtivismo radical, sem deixar de reconhecer a dimensão histórica das convenções, com um especial interesse pela análise da formação de novas convenções.

No artigo *Um céu Violeta para quem não tem mundo*, Leandro Afonso considera que, no filme *Violeta se fue a los cielos* (Andrés Wood, 2011), diferentemente do que costuma acontecer em cinebiografias musicais, o destaque na vida da cantora chilena Violeta Parra é conferido mais aos posicionamentos políticos da artista do que aos números musicais e à capacidade artística de Parra.

Finalmente, na seção **Fora de Quadro**, temos um experimento textual e fotográfico de Kamilla Medeiros. Ao mesmo tempo um ensaio (e duplamente, na medida em que se pode reconhecer o texto como um ensaio, mas também é preciso reconhecer nas fotografias algo que se aproxima da condição de um ensaio fotográfico) e um diário de campo, “Road movie acadêmico: trilhando os passos de Eduardo Coutinho no sertão paraibano” trata da pesquisa de mestrado desenvolvida pela autora, atravessada pela pandemia de Covid-19 e pelos encontros e desencontros que percorrem e renovam a obra de Eduardo Coutinho; entre sessões em família que reverberam em conversas que puxam os fios da memória, e mostras *online* que repercutem em debates e comentários

rebeca



Revista Brasileira  
de Estudos de  
**Cinema**  
e Audiovisual

no YouTube. É entre o trabalho de Coutinho e a mostra *Fabulações do Real* que o texto e as imagens nos fazem reconhecer ou vislumbrar a figura de Rosilene Batista, a Rosa.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura.

Marcelo Ribeiro  
Luíza Alvim  
Miriam de Souza Rossini  
Patrícia Machado  
**Comissão Editorial**